

ORGANIZAÇÃO  
MARIA DE FÁTIMA MORAES ARGON

# FAMÍLIA IMPERIAL

*Álbum de Retratos*

MUSEU IMPERIAL / IPHAN / MINC

2002

APOIO: Sociedade de Amigos  
do Museu Imperial



COOPERACION  
IBEROAMERICANA

PROGRAMA DE APOYO AL DESARROLLO DE ARCHIVOS IBEROAMERICANOS (PROGRAMA ADAI)

## APRESENTAÇÃO

---

Ao apresentar ao público este trabalho inédito, o Museu Imperial reafirma as diretrizes traçadas na última década para o trabalho e a missão institucional: a excelência e o acesso.

A excelência desta publicação, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, é resultado da competência, seriedade profissional e dedicação pessoal da equipe do Arquivo Histórico do Museu Imperial, em especial da idealizadora e organizadora deste trabalho, a arquivologista e historiadora Maria de Fátima Moraes Argon. A qualidade e precisão do conteúdo são complementadas pelo texto de Pedro Karp Vasquez, chamado a colaborar neste projeto, e reconhecidamente um dos mais importantes historiadores da fotografia no Brasil.

O trabalho aqui apresentado vem dar continuidade à série iniciada em 1998 com o CD-ROM *Pedro I, um brasileiro*, e com o *Diário do imperador D. Pedro II*, lançado em 1999. O interesse e a importância deste álbum da Família Imperial, em CD-ROM e catálogo impresso, foram reconhecidos desde sua proposta inicial, através do apoio do Programa ADAI (Programa de Apoyo al Desarrollo de Archivos Iberoamericanos), que selecionou este projeto dentre inúmeros outros apresentados, permitindo desse modo seu desenvolvimento e realização, cujo resultado está agora em mãos dos interessados, leigos e especialistas, como das instituições arquivísticas, museológicas, e das bibliotecas do país e do exterior. Agradecemos, assim, o apoio recebido da Cooperacion Iberoamericana — Programa ADAI e de todas as instituições e pessoas que contribuíram para a viabilização deste trabalho, que sem dúvida enriquece e reforça a imagem do Museu Imperial.

## INTRODUÇÃO

---

O projeto *Família Imperial — Álbum de Retratos*, contemplado com a ajuda do Programa de Apoyo al Desarrollo de Archivos Iberoamericanos (ADAI), foi elaborado com o objetivo de apresentar **todos** os retratos da Família Imperial da Coleção de Fotografia do Arquivo Histórico do Museu Imperial e, principalmente, de marcar um momento importante de mudanças do Arquivo Histórico, que vem de encontro com o projeto da instituição de abrir um espaço permanente de reflexão sobre a fotografia: sua história, técnicas e linguagens, e suas funções, usos e abusos, desde a sua invenção até os dias de hoje – o Estúdio Imperial.

O Arquivo Histórico, diante da crescente utilização de documentos fotográficos como objeto e fonte de estudo em diversas áreas do conhecimento, se viu obrigado a rever alguns critérios utilizados na organização e descrição das fotografias e a elaborar instrumentos de pesquisa que facilitem o usuário voltado para a pesquisa de imagem.

Sendo impossível dissociar a atividade contemporânea do que foi anteriormente realizado, é importante abordar algumas questões para se ter exata compreensão sobre a formação e a organização da Coleção de Fotografia do Arquivo Histórico do Museu Imperial.

O primeiro lote de documentos recebido pelo Museu Imperial foi, em 1940, ano de sua criação, o acervo transferido do Museu Histórico Municipal, composto de objetos, livros, documentos textuais, iconográficos, cartográficos e fotográficos.

A partir daí, o Arquivo Histórico foi formando seu acervo – documentos provenientes de doação, compra, transferência e permuta – constituído de arquivos privados pessoais que, pela atuação política da maior parte de seus autores e destinatários, são significativamente importantes

pela complementaridade ou elucidação que oferecem à documentação de caráter público conservada no Arquivo Nacional e no Arquivo Histórico do Itamarati.

As fotografias pertencentes ao conjunto documental dos titulares dos arquivos foram separadas da documentação textual e reunidas às fotografias avulsas, permanecendo, porém, por trinta anos (de 1940 a 1970) sem receberem nenhum tratamento técnico.

Segundo o depoimento da colega Áurea Maria de Freitas Carvalho, então chefe do Arquivo Histórico, a organização somente teve início em 1971, tendo sido realizadas visitas aos arquivos fotográficos das poucas instituições brasileiras que possuíam experiência nesta área, como o jornal *O Globo* e a Fundação Getúlio Vargas, e consultada a escassa bibliografia, quase toda ela em inglês, sobre a organização de arquivos fotográficos.

Na década de 1980, o Museu Imperial e outras instituições desenvolveram trabalhos isolados com a finalidade de estabelecer procedimentos técnicos para a organização das fotografias e publicaram trabalhos pioneiros na área, um deles foi a *Fotografia como fonte de pesquisa: histórico, registro, arranjo, classificação e descrição*, de autoria de Áurea Maria de Freitas Carvalho, publicado pela FNPM/Museu Imperial, em 1986.

O procedimento adotado na época justifica-se por vários fatores: primeiro porque as fotografias eram vistas e utilizadas como mera ilustração/apoio ao texto; segundo por falta de experiência na organização desse tipo de documentação especial e, ainda, por não existir uma bibliografia sobre a história da fotografia no Brasil.

Outro fator é que, na maioria das vezes, as fotografias constituíam documento residual em meio à massa de registros textuais. Mas recentemente verificamos, no caso da Coleção Salgado Zenha doada, em 1969 e 1973, ao Museu Imperial pelo embaixador Francisco D'Álamo Lousada, que o maior volume era formado por fotografias: acervo composto de trinta e três

documentos textuais, dois folhetos raros, noventa e seis fotografias, uma litografia e uma condecoração.

Se por um lado a reunião das fotografias resultou num todo único e coerente, por outro o fracionamento dos arquivos/coleções impediu, e ainda impede, que o usuário tenha conhecimento geral dos fundos e dos conjuntos fotográficos dentro de cada um deles. Com este projeto, demos início ao trabalho de identificar e localizar, através dos processos de aquisição (forma de entrada no Arquivo Histórico), a procedência de cada fotografia, a fim de reagrupá-la no papel, isto é, dentro dos inventários analíticos correspondentes a cada fundo, sem necessidade de incorporação física nem de nova codificação. Além disso, as fotografias foram na maioria reproduzidas fotograficamente, remanejadas de uma classe à outra, e a descrição sofreu alguns ajustes e acréscimos após a análise da natureza física do documento e do conteúdo e de um exaustivo trabalho de pesquisa em outras fontes. Durante o processo de digitalização nenhuma das fotografias sofreu qualquer tipo de corte ou de manipulação, apenas foram retirados os carimbos, os diversos códigos e outras informações colocadas posteriormente nas mesmas, a fim de melhorar a legibilidade.

No momento da organização o acervo contava com 3.500 fotos e hoje possui aproximadamente 13 mil fotografias, entre originais, reproduções e negativos de vidro e de celulose, tendo por temas personalidades, fatos históricos, geográficos e sociais, relacionados ao período monárquico e à formação do estado do Rio de Janeiro e, em especial, à cidade de Petrópolis e à Família Imperial.

Adotado o método dúplice, foram abertas 12 classes temáticas, sendo as duas mais volumosas a da Família Real e Imperial (desdobrada em subclasses, sendo aberta uma para cada membro da família presente no acervo; no CD-ROM foram colocados à disposição pequenos dados biográficos de cada um deles) e a das Localidades Brasileiras, destacando-se

Petrópolis, que conta com aproximadamente 8 mil fotografias do século XIX até a década de 1960.

A coleção de retratos da Família Imperial reúne fotografias de d. Pedro II e de sua família desde a década de 1850 – a imagem mais antiga é um daguerreótipo de d. Leopoldina – até os dias de hoje.

As fotografias do século XIX são as mais utilizadas e divulgadas, seja através das obras referentes à história do Brasil, seja nas obras referentes à história da fotografia, mas esse conhecimento está sempre sujeito à seleção e aos propósitos dos autores e das publicações.

Portanto, a idéia foi reunir **todas** as fotografias, inclusive as duplicatas com variantes, formando um conjunto com o objetivo de abrir e criar uma série de possibilidades e caminhos para estudo e análise, oferecendo aos usuários a oportunidade de descobrirem fotografias que lhes forneçam dados novos ou reafirmem aqueles já conhecidos. O valor do conjunto pode ser bem avaliado e sentido pelas palavras do consultor deste projeto, Pedro Karp Vasquez, que nos brinda mais uma vez com um texto irretocável, como tão bem disse o colega Joaquim Marçal Ferreira de Andrade: “Vasquez é um historiador que dispensa a sisudez de certos trabalhos acadêmicos, preferindo o estilo dos cronistas, ao construir um texto que flui prazerosamente, com eventuais pitadas de humor ou ironia, e que nos vai enriquecendo com extensa gama de informações bem-costuradas.”

Foi também incluído o arquivo fotográfico institucional, pois a trajetória do Museu Imperial ao longo dos 62 anos de atividades ininterruptas sempre esteve atrelada aos descendentes da Família Imperial. Como é o caso de d. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, filho do príncipe do Grão Pará, primogênito da princesa Isabel, que além de ter doado, em 1948, o Arquivo da Casa Imperial do Brasil, acervo valoroso e fundamental para o estudo e a compreensão do período imperial, sempre teve uma participação ativa, efetiva e também afetiva

na vida da instituição. Dificilmente, um funcionário da Casa não traz recordações e histórias como esta: num dia de trabalho comum, cheio de sol, olho pelas vidraças e avisto d. Pedro Gastão, elegantemente vestido, montado em seu belo cavalo, vindo pelo bosque do Imperador. Aproxima-se gentilmente, me acena, e me cumprimenta com aquele seu sotaque francês: Bom dia, dona Fátima!

Petrópolis, 13 de maio de 2002

MARIA DE FÁTIMA MORAES ARGON